

APRESENTAÇÃO EDITORIAL

Prof. Priscila Henriques Lima
Mestre em História-UERJ

Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima
História Medieval/*Vivarium* Nordeste/PPGH-UFBA

Nesta 9ª edição da *Revista Veredas da História*, os títulos apresentam uma multiplicidade de temáticas, períodos cronológicos, áreas, domínios, dimensões, perspectivas e abordagens. Excepcionalmente, essa edição, única para o ano de 2013, não publicaremos um dossiê, mas, em contrapartida, ela possui nove artigos e três resenhas. Como marca dessa edição, embora não haja um eixo temático específico, continuamos a divulgar textos de autores e autoras de diferentes formações e experiências acadêmicas, especialmente os que estão afinados com propostas de conexões e desconexões interdisciplinares estabelecidas entre o campo da História e outras áreas afins. Assim, o(a) leitor(a) encontrará artigos basicamente associados à História Social das Mulheres, passando pela História Cultural ou pelos Estudos Culturais, até chegar a textos de História Regional, sobretudo os que enfatizam os contextos nordestinos.

O primeiro artigo, escrito por **Andrea Cristina Marques** (Universidade Federal de Campina Grande), intitula-se “*Cozinha, lavar, passar, cuidar dos filhos e da casa*”: as “regras” para normatizar a vida das mulheres no lar. Trata-se de um texto que investiga os discursos sobre a “mulher moderna” nos anos 50 e 60 do século XX, em particular os que perpassaram pelas representações condidas nas colunas femininas da revista “O cruzeiro”. Segundo a autora, essa revista brasileira foi lida durante os seus 46 anos de existência e, a partir dela, é possível fazer análises de diversos aspectos sobre a representação do feminino. A partir da perspectiva afinada com a História Social das Mulheres, Andrea Marques discute o contexto de produção da revista, problematizando-o à luz dos interesses de seus elaborados em projetar uma imagem moderna do Brasil à época. No entanto, apesar dessa modernidade apregoada, a autora sustenta que, paradoxalmente, foram reproduzidos estereótipos tradicionais associados às mulheres e ao feminino.

O segundo texto é de autoria de **Lucas Maximiliano Monteiro** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e intitula-se “*De frente com o inquisidor*”: os cristãos-novos e as narrativas de suas confissões no Livro das Confissões (Bahia, 1591-1592). O artigo procura discutir analiticamente as narrativas relacionadas às confissões dos cristãos-novos feitas especialmente na ocasião da Primeira Visitação do Santo Ofício, a partir de 1591, e que fora encabeçada por Heitor Furtado de Mendonça. A documentação escolhida foi o “Livro das Confissões da Bahia” elaborado entre os anos de 1591 e 1592. Nesse sentido, Monteiro possui três objetivos principais. Em primeiro lugar, procura definir as relações entre o confessante e o visitador, bem como discutir como isso interferiria da narrativa. Em segundo, intenta verificar e interpretar os recursos narrativos usados para a legitimação do confessante. Por fim, em terceiro lugar, mas não menos importante, visa discutir os contornos da estrutura narrativa das confissões sobre os cristãos-novos.

O artigo seguinte é assinado por **Juliene Cristian Silva Pinto** (Universidade do Estado da Bahia Campus II, Alagoinhas) e intitula-se *O olhar francês sobre o Brasil do século XVI*. O texto investiga o tema do imaginário social sobre o Brasil do século XVI, concentrando a atenção nos relatos de viagem de franceses que estiveram no território colonial. Assim, discutindo as relações comerciais dos franceses com os nativos, etc. a autora discorre sobre os estereótipos positivos ou negativos sobre a terra e os habitantes do Brasil, especialmente os contidos nas visões dos franceses André Thevet e Jean de Léry.

O quarto texto está relacionado com a História Contemporânea e foi escrito por **Rogério Fernandes da Silva**, professor de História da rede municipal de Maricá e da rede estadual do Rio de Janeiro. Intitulado *Festa e arte religiosa de rua*, o texto dedica-se a estudar os tapetes elaborados nas festas de *Corpus Christi* na cidade de São Gonçalo, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Aproximando a História do campo da Sociologia, o autor procurou esquadrihar a relação de uma manifestação religiosa recente, compreendendo-a como uma espécie de “arte popular”. Assim, através de entrevistas e análises de imagens, o texto também historiciza genericamente a feitura desses tapetes, remontando-os desde o período medieval até sua introdução na referida cidade na década de 90, do século XX. Para o autor, a elaboração dos tapetes no contexto das festas tornou-se um momento significativo de inserção comunitária dentro do

catolicismo gonçalense, e permite-nos mapear a invenção de determinadas tradições culturais em seu âmbito.

Em seguida, temos o artigo intitulado *Portugal e Inglaterra no período Pombalino: relações e influências sobre os conflitos entre espanhóis e portugueses na região do Prata*, de autoria de **Daniel Oliveira** (UNISINOS). O texto tem como meta principal examinar as relações ambíguas estabelecidas entre Portugal e Inglaterra no período pombalino (1750-1777). Realçando os desdobramentos dos conflitos entre Portugal e Espanha, o autor salienta igualmente as tensões ocorridas na região do Prata que resultaram na assinatura do Tratado de Santo Ildefonso. Para tal, o texto também não deixa de lado o período em que Sebastião José de Carvalho e Melo (Conde de Oeiras e depois Marquês de Pombal) prestou serviços a coroa portuguesa como embaixador português em Londres, entre 1738 e 1742. Nesse sentido, discute-se não somente as divergências políticas e econômicas entre Estados Português e Britânico, como também as reações do Conde de Oeiras e medidas adotadas pelo governo do Marquês de Pombal.

Outro texto igualmente dedicado às fontes tradicionalmente associadas ao campo da Literatura é a obra de **Vitor Claret Batalhone Júnior** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), cujo título é *As histórias d'Os sertões: A história, a crítica, o monumento*. Nesse caso, (des)associando a obra *Os sertões* de Euclides da Cunha da reportagem e da literatura, e aproximando-a dos trabalhos de cunho historiográfico, Vitor Junior questiona as simplificações tipológicas que estiveram vinculadas às disputas ocorridas entre os letrados brasileiros do início do século XX, principalmente no que tange à construção de uma identidade nacional. Ao discutir o conteúdo narrativo e poético dos relatos euclidianos, bem como os seus interlocutores e críticos, o autor propõe uma análise do livro sob um olhar teórico diferente, aproximando-a muito mais do olhar historiográfico do que literário.

O artigo seguinte intitula-se *Gritos de Abois: uma breve história dos vaqueiros*, cujo autor é **Jairo de Lucena Gonçalves** (Universidade de Pernambuco). Segundo o autor, o artigo visa explicar e descrever alguns detalhes do cotidiano e da trajetória histórica de certos vaqueiros nordestinos, em especial os relacionados ao seu papel importante no processo de colonização dos sertões. Embora não analise documentos específicos nem proponha abordagens inovadoras, sendo uma obra introdutória para os interessados no tema, o texto procura pautar-se em textos historiográficos para discutir o cotidiano dos chamados *marrueiros*.

O oitavo texto engrossa o rol de obras sobre o Nordeste. Desta vez, é o caso do artigo de **José Reinaldo Balbino Oliveira** (Unime-FacSul), cujo título é *A constituição da feira livre de Itabuna e as relações sociais de seus atores: uma abordagem das perspectivas do feirante sobre sua representatividade perante a sociedade*. O trabalho historiciza os comerciantes e a feira livre no contexto de formação da cidade de Itabuna, Bahia, especialmente depois do processo de declínio agrário da produção de cacau. O objetivo principal é investigar as concepções dos feirantes sobre sua realidade na atual feira livre da cidade, assim como discutir os preconceitos e estereótipos disseminados na sociedade a propósito desses personagens. Aproximando a Sociologia e a Antropologia da História, a pesquisa baseia-se em entrevistas feitas com os feirantes e é resultado da observação participante como recurso metodológico. Ao final do artigo, percebeu-se que a feira itabunense pode ser considerada um espaço socioeconômico e cultural de aglutinação de valores, crenças, costumes e relações locais para além das trocas de objetos comerciais. Ou seja, para o autor, a Feira Livre de Itabuna e as percepções dos seus atores principais permitem unir “peças que compõem esta simbiose cultural inesgotável” e “desmistificar signos, resignificando o espaço da feira como local de relações socioculturais”, algo que vai além de relações meramente econômicas.

Outro texto afinado com a Sociologia e a História é a obra intitulada *O impacto visual pretendido em Uberaba através do código municipal de 1927: entre o visível e o invisível*, escrito por **Cleber Rocha** (Universidade de Uberaba-UNIUBE). Ajustando o seu tema aos pressupostos teóricos do sociólogo Norbert Elias, o autor analisa o que chama de “processo de construção de uma civilidade” presente na cidade de Uberaba, Minas Gerais, na primeira metade do século XX. Para ele, esse processo aproximou-se do que estava em curso no Rio de Janeiro, especialmente quando se leva em conta o código de posturas municipais, editado no ano de 1927, fonte principal desse estudo. Assim, para Rocha, esse código procurou caracterizar e conter os comportamentos transgressores, intentando intervir e direcionar o mapa sociocultural da população dessa cidade mineira.

Ao final, incluímos também três resenhas críticas de livros recentes. Tais resenhas foram elaboradas respectivamente pelos autores **Alan Costa Cerqueira**, **Alan Santos Passos** e **Alexandre Gonçalves do Bonfim**, todos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia.

Enfim, com esses nove artigos e três resenhas, esta nova edição da *Revista Veredas da História* dá continuidade à divulgação de discussões interdisciplinares de diferentes temas, áreas, domínios, dimensões e perspectivas ligadas direta ou indiretamente ao campo da História e áreas afins. Uma vez mais, esperamos que todos e todas apreciem a leitura!